

---

## POETIZANDO CORPOS E(M) MOVIMENTOS NA ESCOLA

---

Ariana Sousa de Moraes Sarmento<sup>1</sup>

**Resumo:** Como perceber e criar corpos e(m) movimentos na escola? Como me por a dançar com esses corpos enquanto professora-pesquisadora? Utilizando a cartografia enquanto metodologia que nos convida a acompanhar processos e produções que surgem durante o próprio processo de pesquisa, este artigo se propõe a compartilhar uma experiência de oficina que buscou mover o(s) corpo(s) e provocar tremores na(s) concepções de corpo no ensino de ciências. Essa proposição fez parte de uma pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC). A pesquisa foi desenvolvida com estudantes do 8º Ano, numa escola em Florianópolis/SC. Durante a oficina, nos propusemos a pensar sobre o que pode um ensino de ciências capaz de desconcertar e provocar deslocamentos nos modos que percebemos o mundo. Na intenção de desfuncionalizar uma ideia de corpo construída desde a ciência moderna, buscamos um diálogo com as artes, não enquanto ferramenta, mas como propulsora de uma outra forma de pensamento. A partir das oficinas criou-se uma composição artística com as fotografias do artista Louis Blanc e as frases dos/das estudantes. Em decorrência desses encontros, (in)visibilidades no/do cotidiano escolar emergiram junto com as existências que se tornaram múltiplas. Criaram-se corpos vivos, pulsantes, tediosos, alegres, tristes e o espaço da escola se tornou movente.

**Palavras-chave:** Corpo, Estudos Culturais, Ensino de Ciências, Cartografia.

### poeticizing Bodies and (in) movements at School

**Abstract:** How to see and create bodies and(m) movements at school? How can I start dancing with these bodies as a teacher-researcher? Using cartography (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009) as a methodology that invites us to follow processes and productions that arise during the research process itself, this article proposes to share a workshop experience that sought to move the body(ies) and induce tremors in the conceptions of the body in science teaching. This proposition was part of a master's research carried out in the Graduate Program in Education at the Federal University of Santa Catarina (PPGE/UFSC). The research was developed with 8th grade students, in a school in Florianópolis/SC. During the workshop, we proposed to think about what a science teaching capable of disconcerting and causing shifts in the ways we see the world can be. With the intention of defunctionalizing an idea of the body built by modern science, we seek a dialogue with the arts, not as a tool, but as a driver of another way of thinking. From the workshops, an artistic composition was created with photographs by the artist Louis Blanc and the students' sentences. As a result of these encounters, (in)visibilities in/of the school routine emerged along with existences that became multiple. Living, pulsating, boring, happy and sad bodies were created and the school space became moving.

**Keywords:** Body, Cultural Studies, Science teaching, Cartography.

---

<sup>1</sup> Mestra em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora efetiva na Rede de Educação Básica, vinculada à Secretaria da Educação do Estado de Santa Catarina. E-mail: [arianamsarmento@gmail.com](mailto:arianamsarmento@gmail.com)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5504-1331>

## 1 INTRODUÇÃO

Este texto nasceu das inquietações que surgiram quando a docência, a minha formação em Ciências Biológicas e os caminhos formativos como facilitadora de Biodanza se cruzaram. Se, por um lado, sentia meu corpo vivo e movente através da Biodanza, por outro me recordava das aulas de anatomia na escola e na universidade, repletas de corpos dissecados e mortos.

A Biodanza propõe exercícios em grupo, mediados pela música e pelo movimento, que nos reconectem com a sensação de sermos um corpo vivo em constante transformação. Uma de suas propostas é estimular a nos movermos por um caminho que nos dê prazer, entrando em contato com o que sentimos corporalmente. Nos encontros, simples gestos como o caminhar provocaram sensações de bem-estar em meu corpo e desafiaram que eu me expressasse a partir do que sentia.

Faz aproximadamente dez anos que comecei a dançar. Durante esses anos de envolvimento com a Biodanza, percebi o quanto nosso movimento pode dizer sobre nossas histórias e nossa disposição para viver. Ao mesmo tempo, enquanto professora-estudante-pesquisadora-aprendiz, me dei conta do quanto a escola influencia nesse processo de construção cultural dos nossos corpos. Comecei a me questionar sobre os modos como habitualmente o corpo é estudado nas Ciências e novas perguntas queimaram em minha garganta: quando estou na escola de ensino formal, onde está e como está meu corpo? Como perceber os corpos em movimento que atravessam e são criados com/no cotidiano escolar? Que movimentos dançamos diariamente nas salas de aula do ensino de ciências?

Inspirada por tais pensamentos, desenvolvi uma oficina, que foi realizada nas aulas de ciências de duas turmas de oitavo ano do ensino fundamental. Este artigo tem como objetivo compartilhar um pouco do processo de construção dessa oficina e dos resultados que surgiram a partir dessa experiência. O texto foi escrito ancorado na metodologia de pesquisa cartográfica (BEDIN, 2014) e ocupou-se dos planos moventes que se deram junto com os movimentos da pesquisadora.

A escrita foi dividida da seguinte maneira: Primeiramente, apresento um debate sobre a(s) ideia(s) de corpo na escola. Em seguida, exponho a concepção de oficina sobre a qual nos debruçamos, assim como a experiência de aproximação e diálogo com o campo das artes. Após, coloco-me a pensar sobre a potência da desfuncionalização do corpo e compartilho as composições artísticas produzidas a partir desses encontros. Por fim, teço algumas considerações a partir dos movimentos criados na/com a escola e do diálogo dessa experiência com a pesquisa.

## 2 SOBRE O(S) CORPO(S) NA ESCOLA

A escola é também, inevitavelmente, um lugar de negociação e disputa entre diferentes concepções de educação e de valores culturais. Que corpos temos produzido e estimulado neste

*espaçotempo* escolar? Empresto a expressão *espaçotempo* de outras pesquisas no/do/com o cotidiano escolar (ALVES, 2003; ALVES; OLIVEIRA, 2004). As autoras defendem a ideia de que as mudanças na história são trançadas no nosso dia a dia, sem nos darmos conta quando se dão e onde se dão, vão acontecendo, em constante processo.

Quanto mais útil e docilizado é um corpo, mais reduzida é a sua força política. Mas, o inverso também faz parte desse jogo: o corpo vivo que se reposiciona e que se recria resiste com maior potência a ser conduzido e marionetizado (COSTA, 2019). Ao pensar o corpo na escola, muitas vezes ele é automaticamente posicionado nas aulas de ciências/biologia ou nas aulas de educação física. Com frequência, é pensado de forma fragmentada, estudado anatômica e fisiologicamente nas ciências e raramente pensamos nesses corpos em ação no mundo e em relação com outros corpos. Geralmente, isso ocorre especificamente nas aulas de Educação Física, quando se tem um horário predestinado para o movimento corporal. Mas, ainda assim, frequentemente se relaciona o *movimento* apenas a uma questão de saúde física, anatômica e fisiológica.

Como comentam Ana Maria Preve e Guilherme Corrêa, “estudar o corpo, na escola, significa apropriar-se do conteúdo de suas partes e funções, para que depois, ou seja, fora da escola, o aluno consiga aplicar este conhecimento em prol da sua qualidade de vida politicamente correta” (2000, p. 2). Este discurso fragmentado e utilitário, é uma herança do pensamento cartesiano.

A ciência, enquanto discurso socialmente aceito é um dos artefatos mais potentes na produção de verdades. Dentre as verdades por ela defendida e difundida estão as que marcam nossos corpos produzindo-os como objeto no entrecruzamento de diferentes campos disciplinares que vão da anatomia à estética, instituindo e alterando olhares e práticas ao longo da história. (TAVARES; CHAVES, 2015, p. 89)

Esses discursos produzidos ao longo da história da ciência influenciam diretamente o modo como as propostas curriculares e aulas são planejadas, assim como os espaços são construídos na escola: “[...] Os saberes apresentados pela disciplina [escolar] de Biologia, respondem a programas que são ordenados por uma proposta de currículo, que intenciona preparar os indivíduos escolares para o exercício de determinados direitos e deveres” (SILVA, 2010, p.21). O corpo, visto nesse lugar, é inventado dentro de um ideal de normalidade e anormalidade, uma ideia de corpo “bonito” (comumente magro e branco) e saudável, “padrões esses que não são pensados como dimensões da vida, como modo de existências diversos. Desta forma, a diversidade é vista como doença.” (SILVA, 2010, p. 116).

Junto a isso, Silva (2010) ainda nos lembra que imagens de corpos são produzidas e veiculadas a todo o momento, numa sociedade que reúne o paradoxo do controle e da estimulação, da exploração do corpo e da sua valorização. Imagens essas que suscitam binarismos como “corpo/mente”; “corpo/alma”; “biologia/cultura” e atribuem ao sujeito toda a responsabilidade por

sua saúde. Há um imaginário de que, a partir do momento em que a mente, a razão, entende tudo e sabe explicar o funcionamento do corpo, pode moldá-lo da melhor forma a atingir o ideal de corpo saudável sustentado. Caso isso não aconteça, a culpa é do indivíduo.

Tal representação reforça uma noção fixada de corpo e mundo que privilegia quem tem o poder de representar (SILVA, 2014). Porém, se não há um corpo estático ou único modelo de corpo saudável, como possibilitar ou incentivar que outros modos de perceber o corpo em movimento transitem na escola?

Aparecendo, desaparecendo? Simplesmente estando ali? Sem querer chegar a lugar algum, deixando estar. Compreendendo o corpo como um organismo vivo, “auto-organizado e em constante interação com o meio” (MATURANA; VARELA, 1995), capaz de dar sentido à experiência de si próprio, busquei pensar em espaços e atividades que estimulassem esse corpo a constantemente se (re)posicionar. Talvez, o desabrochar de diferentes capacidades de experiências sensoriais seja um caminho que permita perceber múltiplos modos de existência. Problematizando com verdades absolutas, certo e errado, real e imaginário. Permitindo sermos outros a cada instante.

Quem sabe possamos reconfigurar os modos como nos relacionamos na e com a escola, criando também uma escola movente. Um “espaço de encontro, confronto e questionamento de múltiplas e diferentes formas de ser e de representar a diversidade humana” (CHAVES, 2013, p. 38). Um *espaçotempo* que abarque também o debate das relações de poder que mantêm a hierarquia cultural, social, econômica entre os diferentes grupamentos humanos.

Em um curso, conduzido por Ana Godoy<sup>2</sup>, ouvi as seguintes provocações; “cada articulação do corpo está penetrada por discursos da instituição”. Essa fala reforçou, mais uma vez, que a ideia de “corpo” não está dada. E que é preciso se movimentar para produzir diferentes corpos, pois o corpo também se constrói em cada *mo-vi-men-to*. Mesmo quando o corpo nos passa despercebido, inerte, “é ele mediador ativo entre o sujeito e o mundo” (REIS, 2011, p. 40). Assim, um corpo útil e docilizado percebe e toma consciência do mundo ao redor a partir de movimentos restritos, utilitários, conforme foi treinado. “Mover-se é uma forma de sair de si para ser- com, abrindo- se à alteridade”.

Junto com os corpos em movimento, a escola se movimenta também. É nesse sentido que pergunto: como perceber e criar outros corpos e(m) movimentos na escola e mais particularmente no ensino de ciências? O desafio de mobilizar os corpos das/dos estudantes para atividades que estimulassem movimentos geradores de corpos pulsantes me inquietou. Corpos que

---

<sup>2</sup> Curso “O que é Preciso para escrever?”, ministrado por Ana Godoy e organizado pelo Programa de Extensão “Elogio da Escola” (FAED/UDESC) em parceria com o Laboratório de História do Colégio Aplicação/UFSC (LEHCA), realizado nas dependências da Universidade Federal de Santa Catarina, campus Florianópolis.

experimentassem abrir-se ao outro a partir de um mover-se não docilizado, treinado. De um mover-se que deseja e que se cria em ato.

A metodologia utilizada no decorrer da pesquisa foi a cartografia proposta por Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia (2009), a qual se baseia em conceitos filosóficos enunciados por Gilles Deleuze e Félix Guattari. Essa prática investigativa não busca a aplicação de conceitos definidos de antemão ou uma representação da realidade, mas ocupa-se de acompanhar as atitudes construídas a partir dos *insights* que ocorrem durante o processo de produção do conhecimento.

Como comenta Luciano Bedin (2014) é na força dos encontros gerados, nas dobras produzidas na medida em que o pesquisador habita e percorre os territórios, que a pesquisa ganha corpo. Desse modo, durante os encontros com a escola, uma ideia de oficina ganhou consistência. Inicialmente, combinei com a professora de ciências que eu permaneceria por algum tempo acompanhando as aulas de duas turmas de oitavo ano. Nesse período, permaneci sentada no fundo da sala enquanto anotava, desenhava, registrava tudo o que podia.

Não sabia ao certo o que eu iria ver ou registrar. Tinha minha atenção em suspensão, como comenta Kastrup (2015), uma atenção aberta, sem focalização específica. Capturei imagens, movimentos, que provavelmente não veria se tivesse ido com um objetivo certo de capturar um tipo único de informação. Contaminada por tais encontros e por tanto vida em uma sala de aula, uma experimentação emergiu. Combinei junto com a professora de ciências das turmas de oitavo ano que eu poderia, durante uma semana, desenvolver algo junto com as/os estudantes no horário destinado à suas aulas. Uma oficina.

### **3 SOBRE A CONSTRUÇÃO DA OFICINA: GESTOS INSTAURADORES DE OUTROS CORPOS E EXISTÊNCIAS**

Ao pesquisar sobre a ideia de oficina proposta por Ribeiro e Preve (2018), me encantei com a noção de que a oficina possa ser compreendida como um lugar, às vezes físico, outras fictício, da realização de encontros. E que, justamente nesses encontros com o outro, com uma ideia, com um material, reside sua potência. Faculdade intrinsecamente relacionada à forma de habitar um lugar, de fazer algo nele. Inspirada nesta compreensão, decidi pensar e planejar algo partindo tanto das minhas experiências com Biodanza, quanto das vivenciadas em pesquisas e em composições do Grupo de pesquisa<sup>3</sup>, que transitam muito pelo campo das artes. Porém, não da arte como ferramenta de ensino, mas da arte como dispositivo artístico. Como propulsora de uma outra forma de pensamento. Uso a palavra ferramenta aqui quando me refiro à arte vista como um artefato que ensina um modo de ver, estar ou explicar algo. Por exemplo, quando exibo uma obra, seja

---

<sup>3</sup> Grupo de pesquisa junto com o qual essa pesquisa de mestrado foi realizada.

cinematográfica, uma pintura ou um livro e pergunto: o que o isto nos ensina? Que representações nos movimenta? eu estaria me referindo a ela como ferramenta de ensino.

Por outro lado, de acordo com Guimarães e Zanco (2012), um dispositivo artístico entra em atuação quando exercitamos utilizar de perguntas que deslocam a atenção do que a obra nos ensinaria para nos indagar sobre o que ela nos faz pensar ou nos mobiliza escrever. É quando vou para o campo da experiência e da subjetividade. Por exemplo, quando pergunto, destaque algo na obra que te capturou: um gesto, uma cor, um movimento, independente de que ela ensina ou busca ensinar.

Em uma pesquisa a partir da noção de ‘dispositivo artístico’ se privilegiaria o caráter processual da experiência com a obra mais do que a obra pronta em si tem a dizer. Segundo os autores, “Assim, nossas possibilidades de leitura viajam, mas não para qualquer lugar. Lemos a partir dos repertórios que carregamos (apreendidos na história e na cultura), compartilhamos e com eles viajamos.” (p.375).

Muitas foram as referências que acionei para construir essa oficina. Entre essas, a leitura coletiva, que fizemos no grupo de pesquisa, do livro “As Existências Mínimas” de David Lapoujade (2017) foi muito importante. O autor, em conversa com os textos do filósofo Étienne Souriau, nos provocou a pensar outras existências possíveis quando comenta que “cada existência provém de um gesto (imane da própria existência) que o instaura.” Instigada por tal leitura, decidi aventurar-me no desafio de fisgar gestos instauradores de outras existências. Andando por um caminho frágil, cheio de incertezas, segui nessa direção.

Motivada a pensar em outros modos de habitar o espaço da sala de aula onde acontece o ensino de ciências, me coloquei a imaginar sobre o que eu gostaria de experimentar naquele *espaçotempo*. Em conversa com a professora de ciências da escola, decidimos que os encontros se dariam durante 3 horas/aula divididas em dois dias. Sendo 1h/aula na quinta-feira e 2hs/aula na sexta-feira da mesma semana. A mesma proposta de oficina aconteceu com duas turmas distintas no Marista Escola Social Lúcia Mayvorne, situada no Monte Serrat, em Florianópolis/SC.

No intuito de provocar encontros que suscitassem *movimentos* outros e existências outras na escola, provocava isso no meu próprio corpo, que aprendia com os corpos que estavam ali. Então, me perguntei: Como compor um espaço movente na escola, que crie **com** os corpos vivos, pulsantes, tediosos, alegres e gritantes que estão ali? Que aproveitasse tal potência?

Ao me fazer tal pergunta, percebi que não se tratava apenas de acolher outros corpos e existências, mas de me por a dançar com eles. Dançando com eles eu percebia mais facilmente por onde sugerir o próximo passo. Se for apenas para acolher, estando de fora, posso seguir meu *script* e continuar olhando para o resultado. Não preciso abandonar o controle. Nem mudar meu

posicionamento. Mas, se for para criar junto, eu preciso estar disposta a sentir o que acontece no processo e talvez mudar o caminho ou até cair.

Merce Cunningham (2014) é um coreógrafo e dançarino que se tornou referência na dança contemporânea. Em seu livro “O dançarino e a dança”, ele conta sobre como pensa seus espetáculos e traz a seguinte reflexão: “E se, como nos meus espetáculos, você decidisse tornar todos os pontos do palco igualmente interessantes?” E se experimentássemos olhar desse modo para as salas de aula e para a escola como um todo?

Quando me ponho a dançar em relação com algo ou alguém, não tem como permanecer fixo em uma posição. E nesse movimento é possível ver o outro de diferentes ângulos, mas com o mesmo interesse. Há um alargamento do possível. “[...] Se não há pontos fixos, todos os pontos são de fato igualmente interessantes e igualmente cambiantes” (p. 15).

Essa direção abre uma gama de possibilidades, não há uma sequência, o movimento pode ser contínuo e inúmeras transformações podem ser imaginadas. E, além de tudo isso, ainda é possível ter pessoas dançando a mesma sequência juntas ou em ritmos diferentes; assim como sequências distintas, em dois, três, cinco, oito ou quantas pessoas forem (CUNNINGHAM, 2014). Tal performatividade agrega instabilidade e indeterminação às possíveis representações de corpo e movimento tecidas nas ciências. Quem sabe aí resida um caminho “centrado não na diversidade, mas na diferença, concebida como processos de produção social que envolvem relações de poder”, como nos lembra Tomaz Tadeu da Silva (2014), quando propõe uma Pedagogia da Diferença.

#### 4 DESFUNCIONALIZANDO CORPOS

Ao recordar-me das aulas de ciências, me dei conta de como o corpo, frequentemente, está totalmente relacionado a funções específicas. Lembrei de já ter ouvido algumas vezes a frase: “Tenho dois ouvidos situados na cabeça, que funcionam da mesma forma para todos e sua função é a audição e o equilíbrio. Por isso eles existem”. Esse princípio funcionalista (de que tudo na natureza teria um encaixe, uma finalidade e uma função) teve seus primórdios na Grécia antiga com Aristóteles. O filósofo dizia que “Uma forma existe porque ela serve para alguma coisa”<sup>4</sup>. A função vem antes da forma. Essa ideia, apesar de ter sido fortemente contestada com Darwin e as Teorias Evolucionistas posteriores, ainda perdura até hoje.

Na idade moderna, Descartes agregou a ela a metáfora do corpo máquina. Ideia mecanicista, na qual a disposição “correta” dos órgãos e de cada parte do corpo trabalha em sincronia para que o todo funcione. Tal concepção está tão entranhada no modo de vida ocidental capitalista que, muitas

---

<sup>4</sup> Fonte: VINTE MIL LÉGUAS. Episódio: Um novo estoque de metáforas, pt. I. Locução, pesquisa, roteiros e apresentação: Leda Cartum e Sofia Nestrovski. Entrevistado: Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Revista Quatro Cinco Um, 14 set. 2020. *Podcast*. Disponível em: <https://www.quatrocinco.com.br/br/podcasts/vinte-mil-leguas/um-novo-estoque-de-metaforas-pt-i>. Acesso em: 01/11/2020.

vezes, ainda “inspira-nos a sonhar com deuses relojoeiros encarregados de acertar os ponteiros de nossa perfeição” (MOSCHETA; FERREIRA, 2020, p. 20).

E se pudéssemos pensar/ser com o corpo? “sem necessariamente nos referirmos às suas funções explicativas e instauradoras de práticas pedagógicas que nos levam a querer encontrar ‘a’ leitura adequada, correta, certa” (BELINASO, 2020, p. 133). Muitas vezes, quando somos solicitados a explicar algo, facilmente as explicações institucionalizadas como corretas, que já estão e fazem parte de nossas trajetórias, aparecem com força. Ainda mais dentro de um *espaçotempo* tradicionalmente constituído por um tipo de relação estudante-professor já conhecida, em uma carga horária restrita, determinada pela grade curricular.

Como disse um personagem do provocante romance de Afonso Cruz (2020) “Vamos comprar um poeta”, “no mundo onde todos vivemos, mentira é algo muito feio e desconta-nos muitos pontos percentuais de moralidade” (p. 32). Mas, quando a explicação não é pedida em primeiro plano, podendo ou não vir acompanhada de outros movimentos, abre-se uma possibilidade para a rasura e abandono de posições que pareciam estar tão fixadas.

Esse romance de Afonso Cruz acontece em mundo distópico em que tudo é calculado por seu grau de utilidade e lucro. Onde tudo é contabilizado em um falar estatístico-financeiro. Até mesmo as lágrimas, os sorrisos, os passos e os fios do cabelo. Nesse lugar, uma família, a pedido da filha, decide comprar um poeta. A história se passa quando o poeta começa a conviver com a família e outros “estranhos” modos de lidar com o mundo parecem ser mobilizados. Trago-o aqui, pois minha atenção deteve-se novamente no modo como o autor utiliza a própria linguagem e regras socialmente construídas para desestabilizá-la. Com leveza, poesia e brincadeira:

**Eu limpava os espelhos na esperança de me sentir assim, tentava desembaciar a vida, como o poeta dizia que tínhamos de fazer, passar a mão pela realidade até vermos um sorriso.** Sei que é um trabalho árduo, há demasiado vapor a tornar a vida pouco nítida, desfocada. Mas, vou insistir. (CRUZ, 2020, p.76-77, grifo meu)

Leandro Belinaso (2020), ao escrever sobre os modos como temos consumido imagens e textos escritos em práticas pedagógicas com professores e estudantes das Licenciaturas, faz dois questionamentos interessantes: “e se a formação e a prática docentes nos exigissem uma considerável dose de desutilidade poética? Poderia a desutilidade ser potente à educação?” (p.133). Instigada a pensar nessas questões, esbocei algumas perguntas num exercício imaginário: E se meus ouvidos tivessem pálpebras? E se meu dedão tivesse olhos? E se minha axila tivesse nariz?

Como será que eu me relacionaria com o mundo à minha volta? O que eu gostaria de experimentar fazer? Lembrei-me de Manoel de Barros (2013, p. 418-419) que no livro “Menino do Mato” nos ensina sobre a importância de “desver o mundo, sua maneira de sair do enfado”. Ele conta, em suas aventuras com Bernardo, que seu conhecimento não era de estudar em livros, era de



pegar, de apalpar, de ouvir e de outros sentidos. Diz ainda que não gostava de explicar as imagens que via, porque explicar afasta as falas da imaginação.

Embebida por essas influências, continuei caminhando. Foi assim que, ao pesquisar na internet sobre artistas que têm trabalhos com o tema “corpo” ou “corporeidade”, me deparei com o fotógrafo francês Louis Blanc e, na hora, já senti meu corpo mais eufórico. Vi ali uma possibilidade. O fotógrafo percebeu que imagens de corpos humanos podiam provocar muitas sensações e produziu uma série chamada “corpus”<sup>5</sup>. Entendendo que o corpo por si só é linguagem, Louis Blanc jogou com a torção do corpo, brincou com diferentes perspectivas e produziu novas entidades escultóricas.

Revido as imagens, lembrei-me de Marta Catunda (2017), quando diferencia a emoção simples da sensação e comenta que “a arte trabalha com a lógica da sensação, com o estranhamento, desafiando nossos estranhamentos” (p. 3). Para a autora, a sensação não é algo que simplesmente vem à tona, ou é instantânea, mas, algo que flui e trabalha com o tempo, proliferando outros tempos em nós, outras durações que ecoam futuros. A fim de também fluir outras sensações, decidi usar as fotografias de Louis Blanc como um estímulo para provocar os/as estudantes a se imaginarem com outros corpos e pensarem nos seus movimentos cotidianos. As fotos foram espalhadas pela sala (coladas na parede, na mesa, nas cadeiras e penduradas) em posições que provocassem o “desacomodamento” para serem vistas.

Apostei numa pedagogia pobre, como nos lembra Masschelein (2008), que convida a caminhar. Não se tratava de querer que os estudantes alcançassem uma visão melhor ou mais crítica sobre seus corpos. Nem que chegassem mais próximos de compreender como se “dá a realidade” e o que acontece no mundo. Tratava-se de levar em consideração seus olhares e propor um tipo de atenção generosa que “permite um estar presente que coloca o sujeito em jogo e que abdica da expectativa de um benefício” (p. 42). Um processo formativo que se dá “como possibilidade de abertura para um espaço existencial, um espaço concreto de liberdade prática” (p. 35).

Fiz o convite para que escolhessem uma ou duas imagens para descrever um gesto ou ação que eles/elas gostariam de fazer/sentir se tivessem aquele corpo. Seus movimentos pulsaram entre momentos que se abaixavam ou caminhavam para ver alguma foto e instantes em que, deitados, encostados, esticados, escreviam e imaginavam outras posições e movimentos cotidianos possíveis.

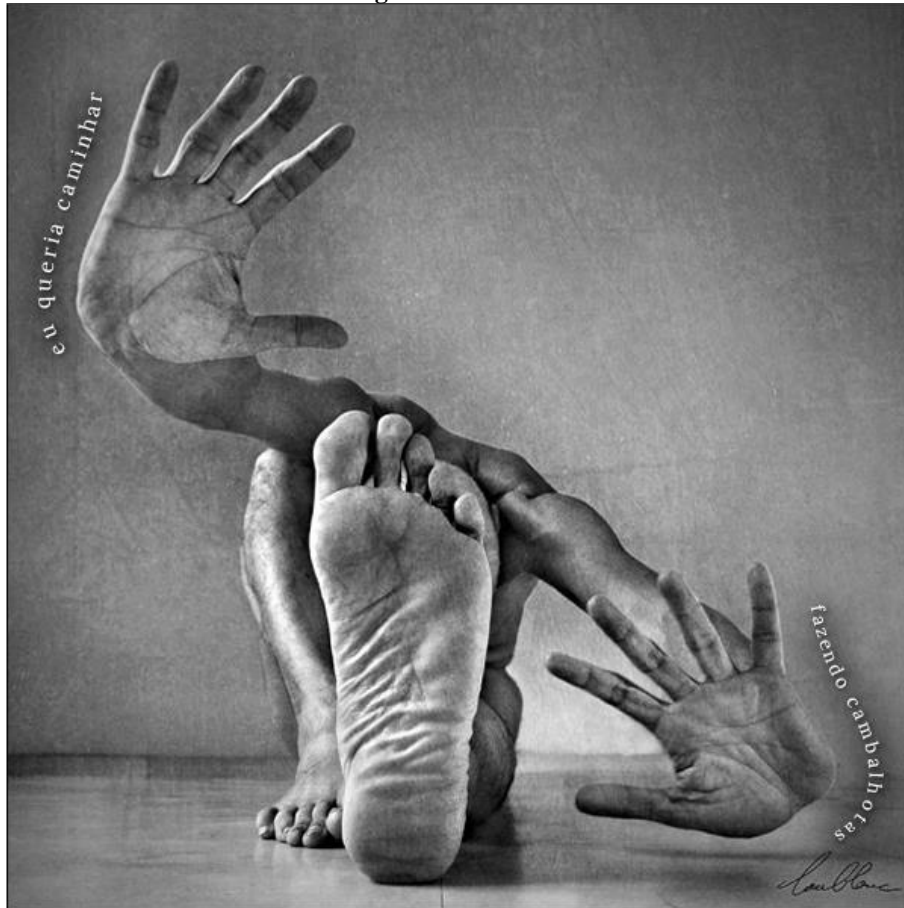
Deixei aberto para que pudessem desenhar, escrever ou também tirar uma foto em que estivessem experimentando essa outra anatomia para seu corpo. Depois, fizemos um momento de conversa em que os convidei a compartilharem com o grupo as frases que tinham escrito. Foi muito bonito poder ouvir as tantas possibilidades que surgiram. Nem todos quiseram compartilhar, mas alguns leram suas frases. Eles indicavam qual foto tinham utilizado e o movimento que tinham se

---

<sup>5</sup> Disponível na página do artista: <http://loublancphoto.com/>

imaginado fazer. Singularidades foram ressaltadas em cada movimento criado. Cada um no seu ritmo. Muitas emoções e vozes distintas ecoaram pela sala, “desembaciando” a vida ao ponto de vermos alguns sorrisos ali também. E as (des)utilidades multiplicaram-se<sup>6</sup>.

**Figura 1:** Caminhar



<sup>6</sup> As montagens gráficas das fotografias e dizeres foram criadas pela própria autora. O designer gráfico Matheus Pasinato auxiliou na execução da proposta.

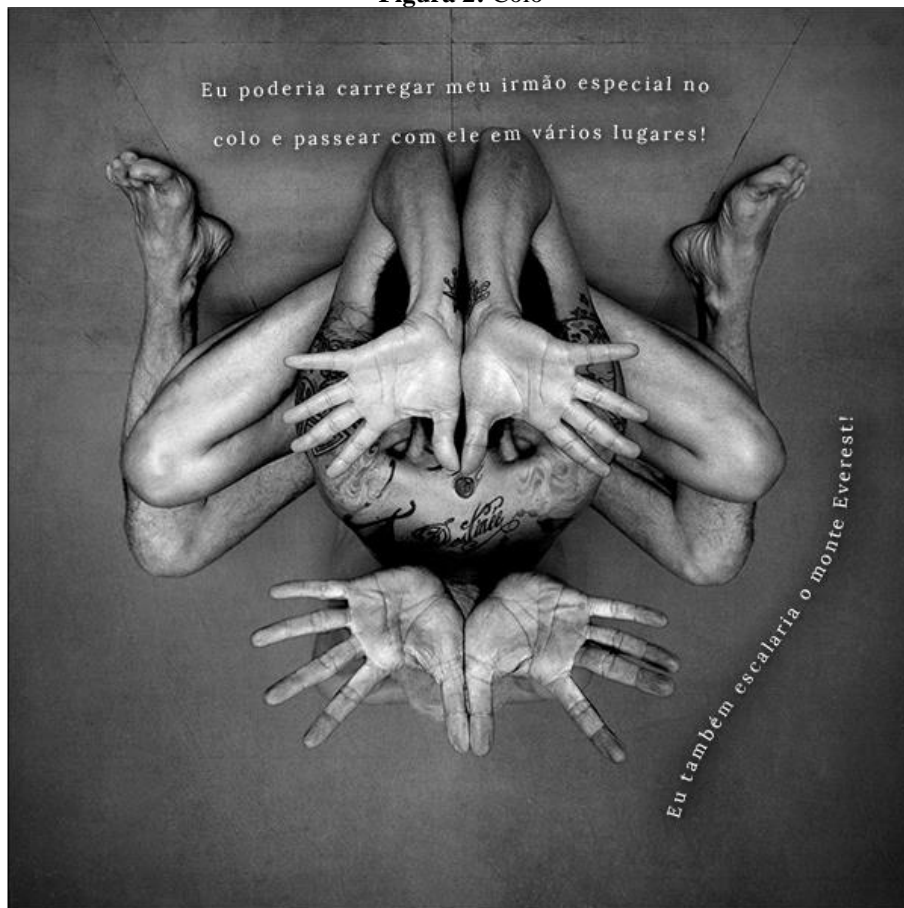
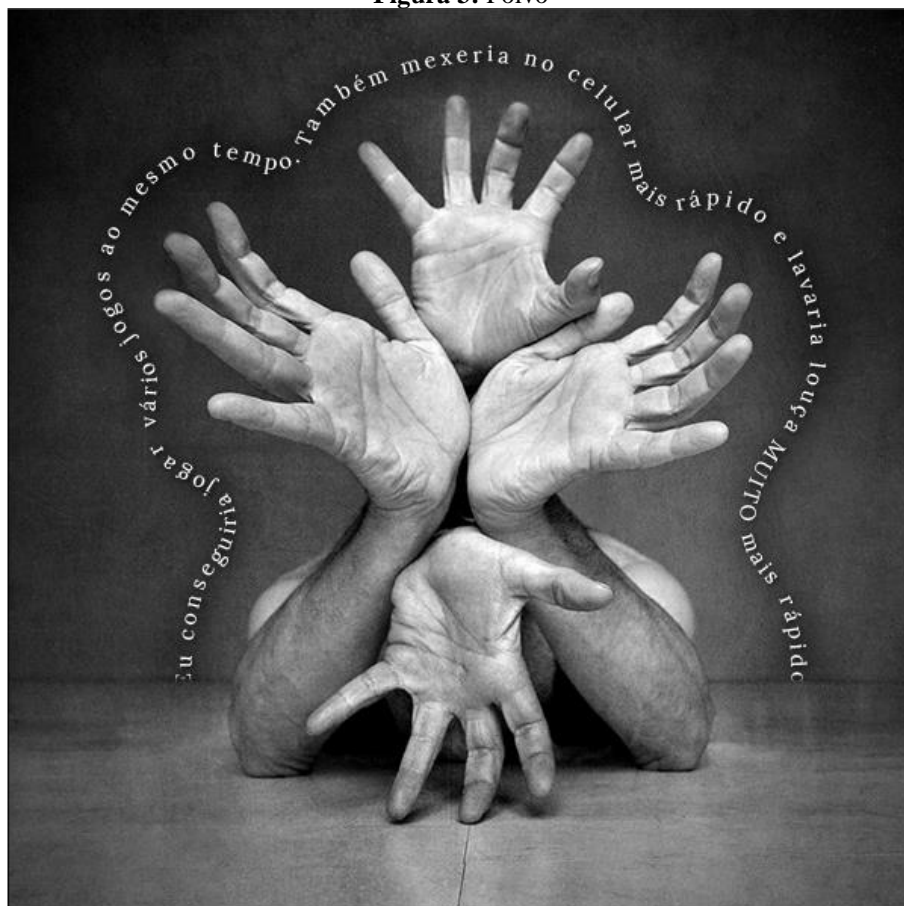
**Figura 2: Colo****Figura 3: Polvo**

Figura 4: Corpo

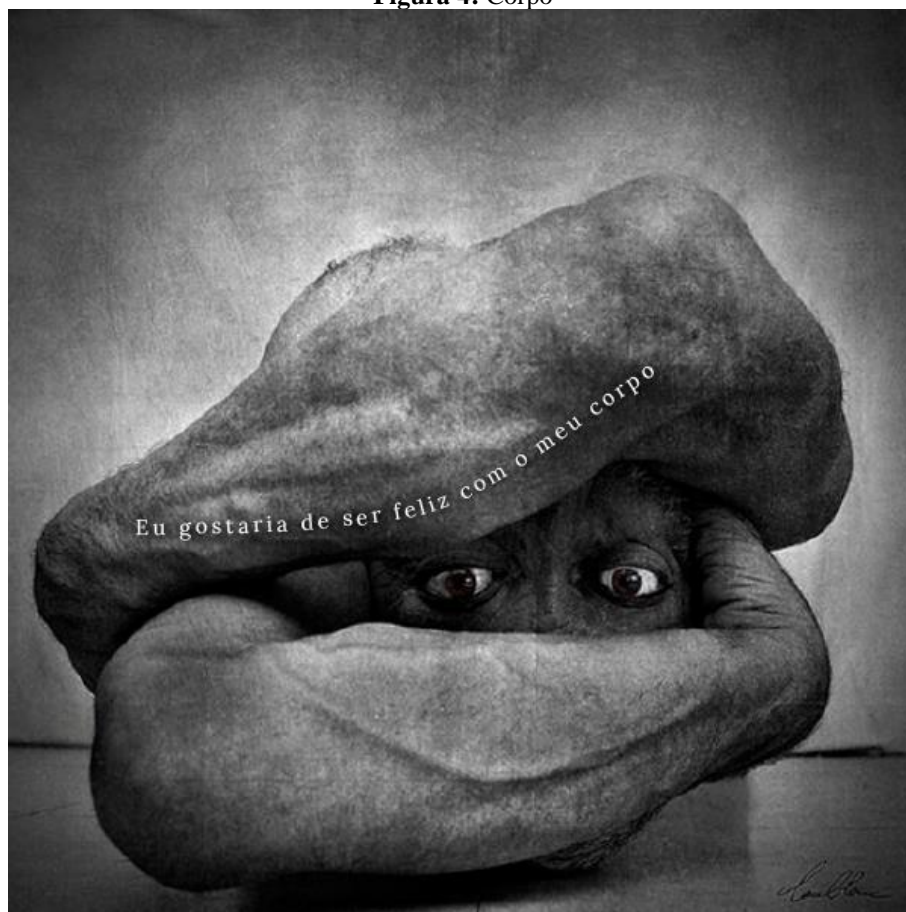
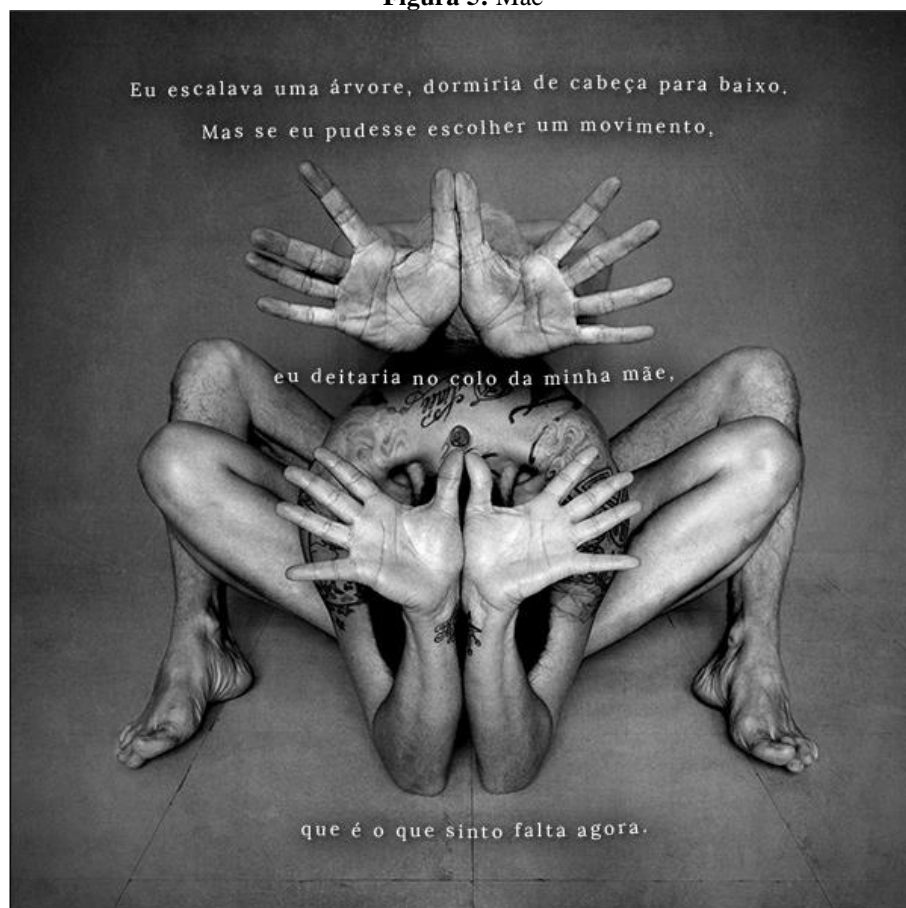


Figura 5: Mãe



Ver tantas expressões geradas durante essas experimentações em sala de aula me suscitaram uma vontade de trazer a sensação proliferante que senti também à escrita. Como poderia transpor esses movimentos criados para o texto escrito, fazendo-o dançar com as singularidades e sensações expressas?

Já tinha visto trabalhos com bordados sobre imagens e fotografias, assim como colagens que também usam palavras e imagens sobrepostas. Gostava dessa possibilidade. Além disso, no corpo do texto da dissertação fiz um esforço para que os movimentos e ritmos que percebia na escola estivessem impressos graficamente também na escrita. Portanto, as letras variam de tamanho e dançam pelos espaços das folhas de papel.

Seguindo tal proposta, experimentei sobrepor as frases escritas pelos estudantes às imagens correspondentes, escolhidas por eles e elas. Inicialmente, apenas coloquei as frases em cima das imagens impressas. Porém, como a versão final da pesquisa de mestrado seria em formato digital, gostaria que fosse algo que pudesse estar incluso nesse formato. Por ter a facilidade de viver com uma pessoa que trabalhava como *designer* e sabia usar o programa *Adobe illustrator* muito bem, contei das ideias que tive e propus que sentássemos juntos para fazer algumas experimentações. Enquanto eu sugeria as invenções, ele me mostrava os caminhos possíveis para concretizar. Nesse processo testamos virar as imagens de ponta cabeça, de lado e movimentar as palavras. Fazendo esse exercício me senti escrevendo, com os olhos, os desejos e imaginação das e dos estudantes. Outras disposições relacionais surgiram quando a fragilidade, a generosidade e a sensibilidade de tais corpos foram colocados em cena. Decidi brincar, fiquei emocionada ao ver alguém querendo colo, ri junto ao imaginar-me dando cambalhotas ou rolando monte abaixo. Assim foi surgindo essa composição que compartilhei aqui.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: POETIZANDO CORPOS E(M) MOVIMENTOS

Desses encontros, como entidades esculturais, corpos contorcidos adquiriram vontades que ora queriam dar colo, ora queriam receber colo. Figuras fantásticas agachadas, encolhidas, sem cabeça ou cheias de mãos foram reveladas no espaço da sala de aula do ensino de ciências. Sem a intenção de analisar ou explicar o que significava se imaginar de um ou outro modo, dancei com as singularidades que atravessaram tais corpos. Singularidades construídas em processos de produções sociais e ressaltadas em cada movimento criado.

Pensei com as histórias que emergiram junto com as fotografias e me dei conta da complexidade infinita que somos cada um de nós. E de como tais histórias se entrelaçam nos *espaçostempos* das salas de aula: “No cotidiano de nossas vidas (quando atuamos seja como professores e/ou estagiários e/ou cientistas e/ou artistas e/ou trabalhadores e/ou vagabundos)

experimentamos sentimentos e sensações, que participam da configuração dos nossos modos de ver o mundo vivo”. (GUIMARÃES, 2014, p. 97).

Tais modos de viver, seus afetos e referências apareceram nas narrativas criadas. Nesse movimento, (in)visibilidades no/do cotidiano escolar emergiram junto com as existências que, em processo, tornaram-se múltiplas. O espaço da escola se tornou movente. Ora se estendendo, ora se encolhendo, dependendo do lápis, da caneta, do papel, da pausa e do corpo que ali escrevia e poetizava seus movimentos com o mundo.

Percebi que, muitas vezes, quando somos solicitados a explicar algo, facilmente as explicações institucionalizadas como corretas, que já estão e fazem parte de nossas trajetórias, aparecem com força. Ainda mais dentro de um *espaçotempo* tradicionalmente constituído por um tipo de relação estudante-professor já conhecida, em uma carga horária restrita, determinada pela grade curricular. Porém, quando a explicação não é pedida em primeiro plano, podendo ou não vir acompanhada de outros movimentos, abre-se uma possibilidade para a rasura e abandono de posições que pareciam estar tão fixadas.

Como já mencionei, a ciência, enquanto discurso socialmente aceito é um dos artefatos mais potentes na produção de verdades. Porém, nesse movimento inventivo que se propõe a utilizar a própria linguagem e regras socialmente construídas para desestabilizá-la, é possível que consigamos outros discursos e enunciados sobre o corpo nas/das ciências. Quem sabe aí resida um caminho para reconfigurar os modos como nos relacionamos na e com a escola, assim como na/com o ensino de ciências.

Nesses gestos de construção da pesquisa, o risco, a incerteza e a efemeridade estiveram muito presentes. Porém, há um esforço contínuo em afastar tais verbos dos artefatos produzidos pela ciência. Talvez possamos aprender um tanto trazendo-os para mais perto. É preciso se movimentar para produzir diferentes corpos. Sem querer ser melhor ou pior, apenas nos propondo a experimentar outros modos de produzir discursos nas/com as Ciências. Modos que combatam binarismos e normalidades.

Entre as limitações, essa foi uma experiência pontual que só foi possível devido aos encontros que ocorreram neste caminho e qualquer mudança poderia acarretar outras possibilidades. Se tivéssemos mais tempo, o que poderia ser criado se as/os próprios estudantes pudessem ter experimentado inventar composições com as frases e imagens? Não saberemos, porém desejo que esse texto possa contribuir para que outras professoras e professores pesquisadores possam também se desafiar a dançar, na vida, na escola, nas Ciências e no mundo percebendo e produzindo corpos e(m) movimentos.

**REFERÊNCIAS**

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 62-74, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000200005>. Acesso em: 25 fev. 2023.

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Imagens de escolas: *espaçostempos* de diferenças no cotidiano. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 86, p. 17-36, abril 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302004000100003>. Acesso em: 25 fev. 2023.

BEDIN, L. Cartografia: Uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria: UFSM, v. 7, n. 2, p. 66-77, mai./ago, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1983734815111>. Acesso em: 25 fev. 2023.

BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2013.

BELINASSO, L. Pode a *desutilidade* ser potente à educação? Conversas com Manoel de Barros. In: CARRASCOZA, J. A. (org.) **O delírio do verbo: a poesia de Manoel de Barros e o consumo**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

CATUNDA, Marta. A arte como política do impossível. **Utopía y Praxis Latinoamericana**, v. 22, n. 79, Venezuela: Universidad del Zulia, 2017. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27956721010>. Acesso em: 29 dez. 2020.

COSTA, Rossana Della. Artificialidade Intencional: Um princípio para reposicionar o corpo. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2237-266085089>. Acesso em: 25 fev. 2023.

CRUZ, Afonso. **Vamos comprar um poeta**. Porto Alegre: Dublinense, 2020.

CUNNINGHAM, Merce. **O dançarino e a dança: conversas com Jacqueline Lesschaeve**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2014. Tradução de Julia Sobral Campos.

GUIMARÃES, Leandro Belinasso. ... culturas, biológicas, ensinos, formações: atravessamentos .... In: Marco Barzano; José Artur Fernandes; Lana Fonseca; Marilda Shuvartz. (Org.). **Ensino de Biologia: experiências e contextos formativos**. Goiânia: Índice Editora, 2014. v. 1. p. 93-102.

GUIMARÃES, Leandro Belinasso; ZANCO, Janice. Das pedagogias culturais aos dispositivos artísticos: (de) compondo educações ambientais. In: PULLIN, Elsa Maria Mendes Pessoa; BERBEL, Neusi Aparecida Navas (Orgs.). **Pesquisas em Educação: inquietações e desafios**. Londrina: Eduel, 2012. p. 371-385.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 32-51.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. Tradução de Hortencia Santos Lencastre. São Paulo: n – 1 Edições. 2017.

MASSCHELEIN, Jan. E-ducando o olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre. **Educação e Realidade**, Porto Alegre/RS, v. 33, n. 1, p. 35-48, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/6685>. Acesso em: 25 fev. 2023.

MOSCHETA, M.; FERREIRA, R. Falha, fratura, queda e perdição: pesquisar com métodos vulneráveis. In: MOSCHETA, M.; VILELA, L.; RASERA, E. (orgs.) **A dimensão política do pesquisar no cotidiano**. São Paulo: Letra e Voz, 2020. p. 19-39. Disponível no link: <https://d261pennugtm8s.cloudfront.net/stores/143/019/rte/978-65-86903-04-1%20ADPPC.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2020

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **Árvore do Conhecimento**: As bases biológicas do entendimento humano. Tradução de Jonas Pereira dos Santos. Campinas: Editorial Psy Ii, 1995.

MOSSI, Cristian Poletti; OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Torções e violências na produção de pesquisas em educação: anotações para uma teoria do corpo em ato. In: FERRAZ, Wagner; MOZZINI, Camila (org.). **Estudos do corpo**: encontros com arte e educação. Porto Alegre: Indepin, 2013.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; DA ESCÓSSIA, Liliana. Apresentação. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PREVE, Ana Maria Hoepers; CORRÊA, Guilherme Carlos. Tudo passa pelo corpo. **Motrivivência: Revista de Educação física, esporte e lazer** - LaboMídia UFSC, Florianópolis, v. 11, n. 15, p. 1-3, ago. 2000. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/5593>. Acesso em: 21 out. 2019.

REIS, Alice Casanova dos. A subjetividade como corporeidade: o corpo na fenomenologia de Merleau-Ponty. **Vivência**: Revista de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, n. 37. p. 37-48, 2011. Disponível em:

<http://www.saosebastiao.sp.gov.br/ef/pages/linguagem/experiencia/leituras/fl.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2023

RIBEIRO, Danilo Stank Ribeiro; PREVE, Ana Maria H. Oficinas começam à maneira das ruderais. **Linha Mestra**, Campinas/SP, n. 34, p. 35-46, jan-abril., 2018. Disponível em:

<http://www.lm.alb.org.br/index.php/lm/issue/view/1/showToc>. Acesso em: 20 out. 2019.

SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz. **A invenção do corpo e seus abalos**: diálogos com o ensino de Biologia. 2010. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**. 15. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

TAVARES, Geórgia de Souza; CHAVES, Sílvia Nogueira. Esse corpo é meu? Corpos humanos nas/das Ciências. **Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão/SE, v. 8, n. 16, p. 89-98, maio, 2015. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/3975>. Acesso em: 21 out. 2019.

*Submetido em: 26 de fevereiro de 2023.*

*Aprovado em: 11 de maio de 2023.*